



B1

ISSN: 2595-1661

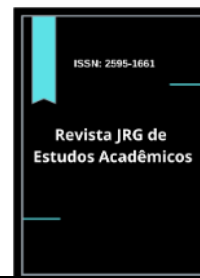
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



A assistência da enfermagem no cuidado da criança autista: terapias que auxiliam no processo de desenvolvimento

Nursing assistance in the care of children with autism: therapies that support the development process

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1599

ARK: 57118/JRG.v7i15.1599

Recebido: 06/11/2024 | Aceito: 24/11/2024 | Publicado *on-line*: 25/11/2024

Ana Célia Santana Navarro¹

<https://orcid.org/0009-0005-9776-8888>

<http://lattes.cnpq.br/4375085196740670>

Centro Universitário Mário Pontes de Jucá, AL, Brasil

E-mail: annynha.clarinha.navarro@gmail.com

Louise Cristine dos Santos Mafra²

<https://orcid.org/0009-0009-1044-2084>

<http://lattes.cnpq.br/1892638466553978>

Centro Universitário Mário Pontes de Jucá, AL, Brasil

E-mail: mafralouise@gmail.com

Rayane Martins Botelho³

<https://orcid.org/0000-0002-5941-3550>

<http://lattes.cnpq.br/4442454223873802>

Centro Universitário Mário Pontes de Jucá, AL, Brasil

E-mail: rayanebotelho@hotmail.com



Resumo

Introdução: De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2014), o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por padrões estereotipados e dificuldade de comunicação, sendo uma condição neurológica que afeta o convívio social, cujo o tratamento envolve diversas terapias que priorizem o desenvolvimento, e a enfermagem dentro desse cenário desenvolve um papel importante no cuidado individualizado. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é identificar o papel da enfermagem no cuidado da criança autista dentro de uma equipe multiprofissional e as terapias que auxiliam no processo de desenvolvimento. **Metodologia:** O presente artigo foi realizado em forma de revisão narrativa com base em estudos dos últimos dez anos que abordam o papel da enfermagem e as terapias utilizadas no processo de desenvolvimento em cada fase de vida da criança com Transtorno do Espectro Autista. **Resultado:** Este estudo destaca a atuação da enfermagem desde a avaliação inicial até a implementação de terapias individualizadas. Foram encontradas terapias para a primeira infância (0-3 anos), para a fase pré-escolar (3-6 anos) e a fase escolar (6-12 anos). **Conclusão:** Apesar da dificuldade de encontrar novos estudos que

¹ Graduação em andamento em Enfermagem pelo Centro Universitário Mario Pontes Jucá - UMJ, Brasil.

² Graduação em andamento em Enfermagem pelo Centro Universitário Mario Pontes Jucá - UMJ, Brasil.

³ Enfermeira pela Universidade Federal de Alagoas (2020). Mestre em ciências da saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS), na Universidade Federal de Alagoas, integra o Grupo de Pesquisa em Saúde da Mulher e da Gestação no Laboratório de Biologia Celular.

abordem o tema, o artigo possibilitou a compreensão sobre a importância da enfermagem no cuidado de crianças com TEA dentro do contexto multiprofissional e parceria a relevância das terapias descobertas para aprimorar a comunicação, a interação social e o comportamento.

Palavras-chave: autismo; desenvolvimento infantil; enfermagem; terapias.

Abstract

Introduction: According to the American Psychiatric Association (2014), Autism Spectrum Disorder is characterized by stereotypical patterns and difficulty communicating. It is a neurological condition that affects social interaction. The treatment involves several therapies that prioritize development. Nursing plays an important role in individualized care in this scenario. **Objective:** The objective of this study is to identify the role of nursing in the care of autistic children within a multidisciplinary team and the therapies that assist in the development process. **Methodology:** This article was conducted in the form of a narrative review based on studies from the last ten years that address the role of nursing and the therapies used in the development process at each stage of life of children with Autism Spectrum Disorder. **Result:** This study highlights the role of nursing from the initial assessment to the implementation of individualized therapies. Therapies were found for early childhood (0-3 years), preschool (3-6 years) and school (6-12 years). **Conclusion:** Despite the difficulty in finding new studies that address the topic, the article made it possible to understand the importance of nursing in the care of children with ASD within the multidisciplinary context and partnership with the relevance of the therapies discovered to improve communication, social interaction and behavior.

Keywords: autism; child development; nursing; therapies.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica que afeta o desenvolvimento cognitivo, social e comportamental das pessoas, principalmente na infância (Silva & Pereira, 2020). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA é caracterizado por desafios persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sinais podem variar consideravelmente de uma criança para outra, tanto em intensidade quanto na forma como se manifestam, o que torna o espectro do autismo amplo e heterogêneo (American Psychiatric Association, 2014).

A prevalência do TEA tem crescido significativamente nas últimas décadas, indicando que cerca de 1 em cada 100 crianças no mundo apresenta algum grau de autismo. Esse aumento pode ser atribuído a uma maior conscientização sobre o transtorno, avanços nos critérios de diagnóstico e métodos de avaliação mais abrangentes (Organização Mundial da Saúde, 2023). O impacto do autismo no desenvolvimento infantil é profundo, afetando a capacidade da criança de se comunicar, interagir socialmente e participar de atividades cotidianas de forma típica. Além disso, o desenvolvimento cognitivo também pode ser comprometido, variando de atrasos leves a graves, dependendo da criança (Silva & Pereira, 2020).

O tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve uma abordagem multidisciplinar, com foco em intervenções personalizadas de acordo com as necessidades de cada criança. Não existe uma cura para o TEA, mas a intervenção

precoce, com terapias comportamentais, ocupacionais, fonoaudiológicas e educacionais, pode melhorar significativamente o desenvolvimento e a qualidade de vida do indivíduo. Terapias baseadas em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), por exemplo, são amplamente utilizadas para desenvolver habilidades sociais, de comunicação e acadêmicas. Além disso, em alguns casos, o uso de medicamentos pode ser recomendado para tratar sintomas associados, como hiperatividade, irritabilidade ou distúrbios do sono. (LORD *et al.*, 2020)

Neste cenário, a enfermagem desempenha um papel indispensável no cuidado das crianças autistas, devido à complexidade do transtorno, que exige uma abordagem de saúde integral e contínua (Pereira & Santos, 2019). O enfermeiro, como parte da equipe multidisciplinar, tem a responsabilidade de monitorar o desenvolvimento da criança, identificar sinais de regressão ou progressos, além de implementar e coordenar cuidados especializados que incluem tanto os aspectos físicos quanto emocionais e sociais do desenvolvimento infantil (Brenner & Salum, 2021).

No contexto do TEA, o enfermeiro atua como um ponto de referência tanto para a criança quanto para sua família, oferecendo suporte emocional, educacional e terapêutico. A educação dos pais e cuidadores é um componente essencial dessa assistência, já que os desafios enfrentados por uma criança com autismo afetam diretamente o bem-estar de toda a família. A equipe de enfermagem tem o papel de fornecer orientações sobre como lidar com comportamentos típicos do TEA, criar rotinas estruturadas e entender os diferentes tipos de intervenções que podem ser aplicadas no ambiente domiciliar, criando um planejamento de cuidado individualizado, de acordo com as necessidades específicas da criança e adaptando as intervenções à realidade de cada uma, de acordo com as orientações de outros profissionais envolvidos no processo de desenvolvimento.

O presente artigo tem como objetivo explorar o papel da enfermagem no cuidado e desenvolvimento de crianças com TEA, com ênfase na aplicação e acompanhamento de terapias para cada faixa, que contribuem para a melhoria das habilidades de comunicação, interação social e comportamento.

2. Metodologia

De acordo com Rother (2018), uma revisão narrativa é caracterizada por sua estrutura qualitativa e seu foco em interpretar e discutir resultados de múltiplos estudos. Seu principal objetivo é oferecer uma visão crítica e abrangente sobre o assunto, organizando as informações de maneira narrativa. A ausência de uma metodologia formal para a coleta e análise de dados faz com que esse tipo de revisão seja mais adequado para questões exploratórias ou para áreas de conhecimento ainda pouco estruturadas.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados artigos indexados em bases de dados científicas, como Scielo, PubMed, Scopus, PsycINFO e Lilacs. Foram incluídos artigos publicados entre 2014 e 2024, escritos em português e inglês, com o objetivo de abordar a importância do papel da equipe de enfermagem no processo de desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando as terapias recomendadas para cada fase da vida. A pesquisa abrangeu artigos, revistas, periódicos científicos, revisões de literatura e documentos técnicos emitidos por organizações de saúde de renome, como a Organização Mundial da Saúde (OMS). Foram excluídos artigos que abordam o autismo e terapias para pessoas com mais de 12 anos, priorizando estudos focados na primeira e terceira infância.

Essa metodologia permitiu identificar as principais terapias recomendadas para cada fase do desenvolvimento da criança autista e como a enfermagem, enquanto parte fundamental da equipe multidisciplinar, contribui para a implementação dessas intervenções.

3. Resultados e Discussão

O presente estudo investiga o papel da equipe de enfermagem no cuidado e desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A atuação dos enfermeiros abrange todo o processo de atendimento, iniciando pela avaliação inicial e prosseguindo com a implementação das terapias necessárias em cada fase do desenvolvimento da criança. Os resultados evidenciam que a enfermagem não apenas desempenha um papel significativo na identificação de necessidades específicas, mas também na criação de um ambiente acolhedor que favorece a comunicação e a confiança entre as partes envolvidas, permitindo que as crianças se sintam mais confortáveis durante os cuidados.

A equipe de enfermagem é responsável pela elaboração de planos de cuidados individualizados, adaptados às particularidades de cada paciente. Os planos desenvolvidos integram estratégias voltadas para a promoção de habilidades sociais, motoras e cognitivas, facilitando a inclusão da criança em ambientes sociais e escolares. O monitoramento contínuo do progresso da criança e a adaptação das intervenções são aspectos importantes que contribuem para o sucesso das terapias.

O estudo também ressalta a importância do suporte e da educação para as famílias, que desempenham um papel vital no processo de intervenção. Ao capacitar os familiares a compreender melhor o TEA e a aplicar as estratégias aprendidas, a equipe de enfermagem fortalece a dinâmica familiar e melhora a adesão ao tratamento. Assim, os resultados sugerem que a atuação da enfermagem no contexto do TEA é essencial para o desenvolvimento da criança e para a promoção de uma abordagem holística e colaborativa no cuidado.

Observou-se a necessidade de realizar novos estudos que examinem as terapias aplicadas no processo de desenvolvimento das crianças com TEA em cada fase da vida. Essa carência se deve à dificuldade em localizar artigos atualizados que abordem especificamente este tema, o que ressalta a importância de investigar mais a fundo as intervenções terapêuticas e suas aplicações práticas.

3.1 Terapias utilizadas no processo de desenvolvimento da criança com TEA

As terapias que auxiliam no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) variam de acordo com a fase da infância (Quadro 1), sendo adaptadas conforme as necessidades e habilidades que se desenvolvem em cada estágio. Essas terapias são geralmente multidisciplinares e focadas em promover habilidades de comunicação, interação social, cognição e comportamento (Odom 2015).

Segundo Rogers & Downson, em Intervenção precoce em crianças com autismo (2014), é de extrema importância dar início às terapias ainda na primeira infância. Durante esse período (0-3 anos), são utilizadas como ferramentas de desenvolvimento as seguintes terapias:

3.1.1 Terapia Comportamental (ABA)

A obra "Applied Behavior Analysis" (2020), de Cooper, Heron e Heward, é uma das principais referências sobre Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Ela apresenta uma síntese abrangente dos princípios e técnicas da ABA, com foco na

modificação comportamental para indivíduos com uma variedade de desafios, incluindo pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A terapia ABA, fundamentada nos princípios do behaviorismo, tem se concentrado em aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados através de reforço e intervenção sistemática. De acordo com SCHREIBMAN *et al.* (2015), a implementação de programas baseados em ABA pode levar a melhorias significativas nas habilidades sociais, na comunicação e na independência em crianças com TEA.

Nos últimos anos, várias pesquisas têm documentado a eficácia da ABA em diferentes contextos e formatos. Investigações mais recentes, como a de ELDEVIK *et al.* (2019), reafirmaram a importância do tratamento intensivo e precoce. Este estudo destacou que intervenções em crianças pequenas podem levar a melhorias duradouras em habilidades sociais e acadêmicas. Outro estudo, por meio de uma metanálise realizada por VISMARA *et al.* (2020) revelou que intervenções de ABA podem resultar em aumentos significativos nas habilidades de comunicação e sociais em comparação com grupos de controle que não receberam intervenção. Esses achados são corroborados por estudos longitudinais que demonstraram que crianças que participaram de programas de ABA tendem a alcançar marcos de desenvolvimento semelhantes aos seus pares típicos ao longo do tempo. (MASI *et al.*, 2022)

A Análise do Comportamento Aplicada continua a ser uma abordagem fundamental no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os avanços nos métodos de intervenção, juntamente com a crescente consciência das considerações éticas, destacam a importância de uma prática informada e centrada na criança. Futuras pesquisas devem continuar a explorar a eficácia de diferentes abordagens dentro da ABA e garantir que as intervenções sejam adaptadas para atender às necessidades individuais das crianças com TEA.

3.1.2 Terapia Fonoaudiológica

Durante essa fase, o desenvolvimento da linguagem é uma prioridade. A terapia fonoaudiológica ajuda a criança a desenvolver habilidades de comunicação, tanto verbal quanto não verbal, por meio de estímulos para a fala, o uso de gestos ou até mesmo de dispositivos de comunicação alternativa (FERNANDES, 2022).

A terapia fonoaudiológica que utiliza estratégias baseadas em jogos e interação social também se mostrou eficaz (Mendes & Almeida, 2022). Essas estratégias são eficazes para desenvolver habilidades de comunicação em crianças com níveis mais leves de TEA, promovendo a interação e o uso funcional da linguagem (Oliveira & Freitas, 2023).

3.1.3 Terapia Ocupacional com Integração Sensorial

Crianças no espectro autista apresentam dificuldades com processamento sensorial. A terapia ocupacional ajuda a criança a lidar com estímulos externos, como sons, texturas, movimentos, promovendo a autorregulação e melhorando a capacidade de participar de atividades cotidianas.

O estudo de Kashefimehr e colaboradores (2017) focou na aplicação da Integração Sensorial de Ayres em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase em suas dificuldades sensoriais. Os pesquisadores buscaram compreender se essa abordagem terapêutica poderia melhorar o perfil sensorial das crianças e, conseqüentemente, facilitar aspectos como seletividade alimentar e resposta a estímulos sensoriais.

O estudo encontrou melhorias significativas no comportamento das crianças tratadas, especialmente em relação à modulação sensorial. O uso da Integração Sensorial (IS) visava ajustar a maneira como o cérebro processa e organiza as informações sensoriais, permitindo que as crianças lidem melhor com estímulos diários que anteriormente causavam desconforto ou aversão, como sons, texturas e alimentos (Kashefimehr *et al.*, 2017).

Enquanto durante a fase pré escolar (3-6 anos) continua sendo utilizada a ABA, no entanto, nesta fase se concentra no ensino de habilidades sociais e acadêmicas, preparando a criança para a interação em ambientes como a pré-escola e para a aquisição de comportamentos que facilitem a participação em atividades em grupo (Smith & Iadarola, 2015). Além da ABA, as seguintes terapias podem ser empregadas:

3.1.4 Terapia de Habilidades Sociais

A terapia de habilidades sociais (THS) visa ensinar comportamentos que facilitam a interação social, como comunicação verbal e não verbal, empatia e solução de conflitos. Estudos apontam que a THS pode contribuir para a melhoria das habilidades sociais em crianças com TEA, promovendo a inclusão e o bem-estar (Matson & Wilkins, 2015).

Apesar dos avanços significativos, ainda existem desafios na implementação de terapias de habilidades sociais para crianças com TEA. Estudo aponta a dificuldade de generalizar as habilidades aprendidas em ambientes terapêuticos para o cotidiano (KASARI *et al.*, 2016). Além disso, a diversidade de níveis de suporte necessário entre as crianças com TEA exige abordagens altamente individualizadas, o que pode aumentar a complexidade e os custos das intervenções (ODOM *et al.*, 2015).

3.1.5 Terapia de Brincar (Play Therapy)

Os benefícios da terapia de brincar para crianças com TEA são numerosos. Além de promover o desenvolvimento social, as sessões de brincadeira fornecem um ambiente seguro onde as crianças podem expressar emoções e reduzir a ansiedade (Hess, 2019). Em crianças com TEA, a brincadeira pode ajudar na autorregulação emocional e na construção de competências cognitivas (Kottman, 2018).

Schaefer e Drewes (2016) analisaram diferentes técnicas de terapia de brincar, sugerindo que intervenções centradas na criança podem ser mais eficazes para crianças com TEA de alto funcionamento, enquanto abordagens mais estruturadas são recomendadas para aquelas com maior comprometimento.

Embora os benefícios da terapia de brincar sejam amplamente reconhecidos, alguns estudos apontam limitações, como a variabilidade na eficácia dependendo do grau de severidade do TEA (SMITH *et al.*, 2020). A personalização da terapia, levando em consideração as necessidades específicas de cada criança, é fundamental para alcançar os melhores resultados.

Outra área promissora é o uso de novas tecnologias na terapia de brincar, como jogos virtuais e robôs interativos, que podem criar novas oportunidades para crianças com TEA (JONES *et al.*, 2021). As intervenções futuras devem continuar explorando como combinar essas inovações com abordagens tradicionais.

3.1.6 Terapia Fonoaudiológica Intensificada

Nos últimos anos, a terapia fonoaudiológica intensificada tem se mostrado uma abordagem eficaz para o tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A intervenção fonoaudiológica é crucial, pois muitas crianças com TEA

apresentam dificuldades na comunicação, incluindo atraso na linguagem, dificuldades de articulação e problemas de interação social (VIGLAS *et al.*, 2017).

A literatura indica que a intensidade das intervenções pode ter um impacto significativo nos resultados. Estudos recentes sugerem que programas que utilizam uma abordagem intensiva, com múltiplas sessões por semana, são mais eficazes do que intervenções menos frequentes (KASARI *et al.*, 2014).

Durante a idade escolar (6-12 anos), as terapias que auxiliam no processo de desenvolvimento são:

3.1.7 Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC)

Diversos estudos têm demonstrado que a TCC pode ser adaptada para atender às necessidades específicas de crianças com TEA. Segundo Wood *et al.* (2014), a TCC foi eficaz na redução de sintomas de ansiedade em crianças com TEA, mostrando uma melhora significativa em sua capacidade de enfrentar situações sociais estressantes. Além disso, a pesquisa de SIEGEL *et al.* (2016) sugere que intervenções baseadas em TCC podem ajudar a melhorar as habilidades sociais e a comunicação em crianças com TEA, facilitando sua interação com os pares.

As adaptações da TCC para crianças com TEA incluem a utilização de materiais visuais, jogos e atividades interativas para tornar a terapia mais acessível e compreensível. O estudo de REAVEN *et al.* (2019) propõe que a utilização de histórias sociais e representações visuais pode ajudar as crianças a entender melhor as situações sociais e suas emoções. Isso é crucial, visto que muitas crianças com TEA apresentam dificuldades na interpretação de pistas sociais e na regulação emocional.

Os resultados de intervenções que utilizam TCC em crianças com TEA são encorajadores. Em um estudo longitudinal, JONES *et al.* (2021) observaram que crianças que participaram de um programa de TCC apresentaram uma redução significativa em comportamentos problemáticos e um aumento nas habilidades sociais em comparação com um grupo controle. Essa pesquisa destaca a necessidade de intervenções precoces e contínuas para otimizar os resultados.

3.1.8 Terapia de Habilidades Sociais em Grupo

Durante a fase escolar, a interação com pares se torna ainda mais importante. Grupos de habilidades sociais ajudam a criança a compreender e aplicar regras sociais, desenvolver amizades e resolver conflitos de maneira apropriada (Falkmer 2014).

A literatura aponta que a THS em grupo é efetiva para crianças com TEA, proporcionando um ambiente seguro e encorajador para o aprendizado e prática de habilidades sociais. Contudo, fatores como a gravidade do TEA e as comorbidades associadas, como TDAH e ansiedade, podem impactar a resposta às intervenções. WONG *et al.* (2022) observam que crianças com comorbidades podem apresentar maior dificuldade em internalizar as habilidades adquiridas na terapia.

3.1.9 Musicoterapia

Estudos demonstram que a musicoterapia pode promover a comunicação e a expressão emocional em crianças com TEA. Através da música, as crianças são incentivadas a se comunicar, tanto verbal quanto não verbalmente. Segundo KERN *et al.* (2015), a musicoterapia pode melhorar as habilidades de comunicação em crianças autistas, contribuindo para um aumento no uso da fala e na capacidade de interação com os outros.

Além disso, a musicoterapia pode ajudar a reduzir comportamentos desafiadores. Um estudo realizado por JANG *et al.* (2018) revelou que sessões de musicoterapia estruturadas levaram a uma diminuição significativa em comportamentos agressivos e autoagressivos, sugerindo que a música pode servir como uma ferramenta de regulação emocional e comportamental.

As abordagens utilizadas na musicoterapia para crianças com TEA variam de acordo com os objetivos da intervenção. A musicoterapia baseada em improvisação permite que as crianças expressem seus sentimentos de maneira livre e criativa. A pesquisa de Magee e Davidson (2019) enfatiza a eficácia da improvisação musical na promoção da interação social, permitindo que as crianças se conectem com os terapeutas e entre si.

Outra abordagem importante é a musicoterapia receptiva, que envolve a escuta e a análise de músicas. De acordo com a pesquisa de GERETSEGGER *et al.* (2020), essa forma de musicoterapia pode auxiliar na diminuição da ansiedade e no aumento do bem-estar emocional em crianças com TEA.

TABELA 1. Indicações terapêuticas por faixa etária no autismo:

Primeira infância (0-3 anos)	Fase pré- escolar (3-6 anos)	Fase escolar (6-12 anos)
Terapia comportamental (ABA)	Terapia comportamental (ABA)	Terapia cognitivo- comportamental
Terapia fonoaudiológica	Terapia de habilidades sociais	Terapia de habilidades sociais em grupo
Terapia ocupacional com integração sensorial	Terapia de brincar	Musicoterapia
	Terapia fonoaudiológica intensificada	

Fonte: Desenvolvida pelas autoras 2024.

3.2 Importância da enfermagem nas diferentes terapias para o tratamento do TEA

A enfermagem desempenha um papel essencial no cuidado e tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse impacto ocorre em diferentes etapas, desde o diagnóstico até o acompanhamento contínuo, envolvendo tanto o paciente quanto suas famílias. (MAPELLI *et al.*, 2018) O profissional de enfermagem é fundamental no acolhimento e na avaliação inicial, identificando os sinais do TEA e as necessidades do paciente, além de ser responsável por criar um ambiente seguro e tranquilo. Esse ambiente acolhedor facilita a comunicação e a confiança, permitindo que o profissional observe de maneira mais eficaz os comportamentos do paciente. (CAVALCANTE *et al.*, 2022)

Além disso, a enfermagem trabalha na elaboração de um plano de cuidado personalizado que atenda às particularidades de cada paciente. Esse plano inclui estratégias para melhorar o conforto e a segurança do paciente e incorpora técnicas de comunicação adaptadas, considerando as possíveis limitações de linguagem e interação social. Dessa forma, a enfermagem facilita os atendimentos, aumentando sua eficácia através de adaptações, promovendo um vínculo de confiança com o paciente e seus familiares, que também recebem orientações para lidar com o TEA no cotidiano. (JERÔNIMO *et al.*, 2023)

Dentre as diversas abordagens de cuidado à criança no TEA, a musicoterapia vem sendo cada vez mais utilizada, a técnica mencionada é privativa do profissional musicoterapeuta, todavia, existe uma abordagem terapêutica chamada intervenção

musical, podendo ser trabalhada por diversos profissionais da área da saúde, principalmente por enfermeiros. Consiste em utilizar a música como um recurso complementar para restaurar o equilíbrio emocional e bem estar da criança autista. (RANZOI *et al.*, 2016)

A música está presente na Classificação de Intervenções de Enfermagem – Nursing Intervention Classification (NIC), foi usada pela primeira vez por Florence Nightingale como terapia para alívio da dor física e emocional dos soldados feridos. Contudo, o enfermeiro para utilizar esse método, deve ter um conhecimento e obedecer os deveres do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Essa técnica é utilizada principalmente dentro dos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) para desenvolver o lado social e emocional, com o intuito de trabalhar a comunicação e a capacidade de expressão. (RANZOI *et al.*, 2016).

4. Conclusão

Com base no exposto, o artigo evidenciou a importância da enfermagem no contexto da equipe multiprofissional no cuidado e desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Foi possível identificar a relevância das terapias especializadas aplicadas em cada fase do desenvolvimento infantil, como ABA, fonoaudiologia, terapia ocupacional com integração sensorial para a primeira infância (0-3 anos). Para a fase pré-escolar (3-6 anos), foram identificadas a ABA, a terapia de habilidades sociais, a terapia do brincar e terapia fonoaudiológica intensificada. Enquanto para a idade escolar (6-12 anos) são utilizadas a terapia cognitivo-comportamental, a terapia de habilidades sociais em grupo e a musicoterapia, todas com o objetivo de aprimorar as habilidades de comunicação, interação social e comportamento dessas crianças.

Durante a pesquisa, foram encontradas dificuldades para localizar artigos científicos que abordem terapias voltadas para o desenvolvimento de crianças no espectro autista, segmentadas por faixa etária. É fundamental que sejam realizadas novas pesquisas nesse campo, a fim de que o cuidado seja mais preciso e eficaz.

O estudo destacou ainda o papel fundamental dos profissionais de enfermagem no suporte e colaboração com a equipe multiprofissional, garantindo que as terapias sejam inovadoras, acompanhadas e ajustadas de forma adequada às necessidades de cada criança. Dessa forma, a enfermagem se estabelece como um elemento essencial para o sucesso das intervenções, promovendo um desenvolvimento integral.

Espera-se que o estudo contribua para compreensão mais aprofundada do impacto da atuação da enfermagem no desenvolvimento de crianças com TEA. Com base nas evidências apresentadas, consideramos também que os profissionais de enfermagem devem aprimorar suas práticas, promovendo o cuidado eficiente, individualizado e integrador, em sintonia com as necessidades específicas das crianças e de suas famílias.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS, E. A.; ANDRADE, M. A. Assistência à criança com autismo: a contribuição do enfermeiro na implementação das terapias e na orientação familiar. **Revista Brasileira de Terapias Comportamentais e Cognitivas**, n. 19, p. 365-372, 2017.

BRENNER, K.; SALUM, G. A importância do papel do enfermeiro no cuidado de crianças com TEA. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 3, p. 276-283, 2021.

CAVALCANTE, M.; ALVES, J.; ALMEIDA, L. O Papel da Enfermagem no Atendimento ao Paciente com TEA e Suporte Interdisciplinar. **Revista Baiana de Saúde Pública**, 2022.

FERNANDES, F.; et al. O papel do fonoaudiólogo e o foco da intervenção no TEA. 2022.

FALKMER, M.; FALKMER, T. Melhorando as habilidades sociais em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: Uma revisão sistemática. 2014.

HYMAN, S. L.; LEVY, S. E.; MYERS, S. M. Identification, evaluation, and management of children with autism spectrum disorder. **Pediatrics**, v. 145, n. 1, p. 1-60, 2020.

JERÔNIMO, T.; et al. Cuidados de Enfermagem para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista: Uma Scoping Review. **Revista de Enfermagem**, 2023.

JOHNSON, N. L.; RODRIGUEZ, D. Famílias de crianças com transtorno do espectro do autismo: estresse e apoio. **Revista de Enfermagem Pediátrica**, n. 45, p. 49-58, 2019.

KIM, J. A.; KIM, H. S. O papel da enfermagem no cuidado de crianças com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. **Revista Internacional de Prática de Enfermagem**, n. 22, p. 702-710, 2016.

KASHEFIMEHR, B.; KAYIHAN, H.; HURI, M. The effects of sensory integration therapy on children with autism spectrum disorders. **Occupational Therapy International**, 2017.

MAPELLI et al. Acolhimento e Apoio Familiar no Diagnóstico e Tratamento do TEA, 2018.

MENDES, T.; ALMEIDA, F. Estratégias de comunicação baseadas em jogos para crianças com TEA. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, n. 2, p. 145-160, 2022.

ODOM, S. L.; et al. Práticas Baseadas em Evidências em Intervenções para Crianças e Jovens com Transtorno do Espectro do Autismo. **Jornal de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**, n. 45, p. 1760-1772, 2015.

OLIVEIRA, S.; FREITAS, R. O uso de jogos sociais em terapia fonoaudiológica para TEA. **Fonoaudiologia em Foco**, v. 22, n. 1, p. 19-27, 2023.

OLIVEIRA, T. A.; BARBOSA, D. T. Intervenções na assistência de enfermagem para crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 72, p. 136-143, 2019.

RANZOI, M.; SANTOS, J.; BACKES, V.; RAMOS, F. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Revista texto & contexto - enfermagem**, 2016.

ROGERS, S.; DAWSON, G. **Intervenção precoce em crianças com autismo**. 2014.

ROTHER, E. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 64, p. 760-765, 2018.

SILVA, A. A.; PEREIRA, L. P. Estratégias de intervenção no Transtorno do Espectro Autista: Um olhar multidisciplinar. **Revista de Desenvolvimento Infantil**, v. 12, n. 2, p. 35-49, 2020.

SILVA, L. T.; PEREIRA, A. B. Transtorno do Espectro Autista: Aspectos Clínicos e Educacionais. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

SIMPSON, R. L.; de BOER-OTT, S. R.; SMITH-MYLES, B. Transtorno do Espectro do Autismo nas Escolas: Melhores Práticas e Desafios. **Jornal de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**, n. 50, p. 232-246, 2020.

SMITH, T.; IADAROLA, S. Early intensive behavioral intervention: critical features and current issues. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, n. 6, p. 1710-1720, 2015. DOI: 10.1007/s10803-015-2354-5.